

Como a Educomunicação ajuda a formar um público mais crítico¹

Júlio César Lemes de França²

Luisa Guimarães Lima³

Instituto de Educação Superior de Brasília, DF

RESUMO

O presente artigo é um estudo sobre mídia-educação. Utilizamos como procedimentos metodológicos revisão bibliográfica, entrevistas em profundidade e a observação. Primeiramente, efetuamos um estado da arte sobre mídia-educação e educomunicação, campos que derivaram da necessidade de promover diálogos entre a comunicação e educação. Os principais objetivos dessas áreas são desenvolver a leitura crítica e promover uma escrita criativa dos estudantes. O artigo também estudará rotinas produtivas de um jornal estudantil produzido em escola de Brasília, considerado um exemplo interessante de aplicação prática das medidas que a mídia-educação - ainda que seja analisado criticamente.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação e educação; educomunicação; mídia-educação; mídias na escola.

INTRODUÇÃO

Com a importância das mídias crescendo para a população, pesquisadores europeus e americanos começaram a refletir nos meios de comunicação de massa e seu poder na vida cotidiana das pessoas. As pesquisadoras Bévort e Belloni (2009) expõem essa preocupação: “Os perigos de influência ideológica e de empobrecimento cultural pela padronização do cinema, rádio e televisão, levaram jornalistas e educadores a se preocuparem com a formação de crianças e jovens para uma leitura crítica dos meios de comunicação de massa” (BÉVORT; BELLONI, 2009, p. 1085).

Como um dos objetivos do artigo é reunir e apresentar os estudos e trabalhos sobre a área de mídia-educação, a pesquisa bibliográfica torna-se fundamental para cumprir a finalidade do estudo. Para aprofundar o conhecimento sobre a pesquisa bibliográfica, foram

¹ Trabalho apresentado no IJ 6– Interfaces Comunicacionais do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste realizado de 19 a 21 de maio de 2016.

² Graduando do Curso de Jornalismo do Iesb, email: juliocesardefranca@gmail.com

³ Orientadora do Trabalho. Professora do Curso de Jornalismo do Iesb, email: luisaglima@hotmail.com

selecionados os livros “Como elaborar projetos de pesquisa”, de Antonio Carlos Gil (2010), e o artigo “Pesquisa Bibliográfica”, de Ida Regina C. Stumpf (2010), encontrado no livro “Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação”, dos organizadores Jorge Duarte e Antonio Barros.

Outra parte do artigo consiste em acompanhar um projeto de mídia-educação, popularmente chamado de jornal escolar. Para obter o máximo de informações para compor a pesquisa, a Entrevista em Profundidade foi escolhida por ser uma técnica que consegue informações de forma livre e qualitativa.

A entrevista em profundidade é definida por Jorge Duarte (2010, p. 62) como “recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer”. A utilidade dessa técnica é identificar e conhecer fenômenos.

Como o objetivo é apreender o máximo de informações sobre o jornal escolar, o procedimento etnográfico vem para complementar a entrevista em profundidade, para alcançar mais informações por meio da observação. A etnografia, usada principalmente na antropologia, é uma forma de realizar pesquisas se aproveitando da observação e da entrevista informal. Isabel Travancas elaborou um artigo sobre o assunto, disponível no livro de Duarte e Barros (2010, p. 98-109). A autora situa, no campo da comunicação, o uso desse tipo de pesquisa. “O pesquisador tem que fazer dentro da sua própria sociedade, procurando olhá-la com outros olhos, olhos de estrangeiro em busca de significados” (TRAVANCAS, 2010, p. 100).

1. Mídia-educação

Com a presença das mídias cada vez maior na vida das pessoas, pesquisadores se dedicaram a estudar soluções para diminuir o efeito negativo dos meios de comunicação de massa. Os pesquisadores de diversas áreas – jornalistas, educadores, filósofos – foram além da leitura crítica como solução para esse efeito. Barbero (2000), Fantin (2012), Soares (2000), Parente (2012) e outros defendem que não basta apenas ensinar a ler de uma forma crítica, mas também é necessário produzir de forma criativa. “Estamos nos referindo a um trabalho de mídia-educação, entendida como a possibilidade de educar para/sobre as mídias, com as

mídias e através das mídias, a partir de uma abordagem crítica, instrumental e expressivo-
produtiva” (FANTIN, 2012, p. 438).

É de comum acordo entre os diversos autores deste campo que a relação entre
educação e mídia é positiva. Gonnet (2004, p. 25) defende que essa prática leva à
democracia. “Afirma-se muitas vezes que ela pode contribuir para profundas mudanças
políticas e ao mesmo tempo da consciência dos estudantes e dos programas escolares”.

Esses estudos começaram na década de 1960, até chegar ao conceito de mídia-
educação, uma forma de preparar os diferentes usuários para receber as multimídias, sejam
elas jornal, televisão, cinema, rádio, videogames e, hoje, as plataformas online. A união dos
dois campos, educação e comunicação, se fez necessária por dois fatores principais. Os
autores demonstram que as mídias tomaram o papel de educar, devido seu grande acesso.
Mas também ocorreu o avanço das mídias para dentro das salas de aula, atualmente mais
ainda com as tecnologias tão populares. “Essa realidade produz uma defasagem muito
grande entre o modelo de comunicação que vigora, hoje em dia, fora da escola, na
sociedade da comunicação no qual se baseia o saber escolar” (BARBERO, 2000, p. 56).

Para alguns autores, não é questão apenas de educação e comunicação, mas também
de cultura. Isso porque, em grande parte nos dias de hoje, é através das mídias que a cultura
é propagada. Barbero (2000), Fantin (2012), Zanchetta (2005) discutem essa tríade e
defendem a mídia-educação, como forma de estar preservando cultura. “Entender o que
estudantes aprendem a partir de suas interações com os meios propicia um olhar crítico que
pode aprofundar questões ligadas ao desenvolvimento humano, às produções culturais e aos
espaços da formação no cenário atual” (FANTIN, 2012, p. 442). Zanchetta (2005, p. 1507)
também incentiva a criação de uma política pedagógica específica sobre o tema, “com
‘ecossistemas comunicativos’, fazendo interagir as áreas de Comunicação, Cultura e
Educação”.

Barbero (2000) ressalta que falta iniciativa pública para uma educação com maior
representatividade na vida dos usuários. Ele critica arduamente a forma como a mídia tem
força na propagação de opinião. O pesquisador defende uma formação mais completa para
o público. “O cidadão de hoje pede ao sistema educativo que o capacite a ter acesso à
multiplicidade de escritas, linguagens e discursos nos quais se produzem as decisões que o
afetam, seja no campo de trabalho como no âmbito familiar, político e econômico”
(BARBERO, 2000, p. 58).

As pesquisadoras Bévert e Belloni consideram as mídias como forma essencial para difusão da cultura. “Trata-se de um elemento essencial dos processos de produção, reprodução e transmissão da cultura, pois as mídias fazem parte da cultura contemporânea, sua apropriação crítica e criativa, sendo, pois, imprescindível para o exercício da cidadania” (BÉVORT; BELLONI, 2009, p. 1083).

A formação profissional dos professores é algo amplamente discutido. De um lado as tecnologias de informação e comunicação (TICs) evoluem rapidamente na mão dos estudantes, de outro o conhecimento fica ultrapassado. “Mídia-educação é um campo relativamente novo, com dificuldades para se consolidar, entre as quais a mais importante é, sem dúvida, sua pouca importância na formação inicial e continuada de profissionais da educação” (BÉVORT; BELLONI, 2009, p. 1082).

Zanchetta (2005, p. 1499) pontua os “saberes docentes” como um dos obstáculos para implantação da imprensa na escola. “Em se tratando da realidade brasileira, em que o domínio sistematizado dos MCM – meios de comunicação em massa – pelos professores é precário, lidar com meios como os de imprensa não constitui saber docente”. Fantin também defende uma reorganização curricular, que ainda precisa ser estudada. “Refletir sobre a reorganização de saberes instantâneos e descontínuos provindos das mídias, sugere pensar em sua presença no ensino não só a partir das práticas educativas e sociais, mas a partir de sua inserção na organização curricular” (FANTIN, 2012, p. 439).

Gonnet (2004) realiza um panorama desses trabalhos no mundo todo, segundo ele, solicitados pelos Ministérios da Educação de cada país. Os pioneiros na pesquisa de mídia-educação são Austrália, Bélgica, Canadá e Grã-Bretanha. Entre essas pesquisas mundiais, há argumentos que são pacificados. O primeiro é que as mídias estão atreladas à vida cotidiana das pessoas. “[...] é dever da escola ensinar o aluno a ser ‘um espectador ativo, um explorador autônomo e um autor da comunicação midiática’ (GONNET, 2004, p. 49). Outro argumento do estudo é a importância de conscientizar o público do poder de manipulação das mídias, tornando os cidadãos “alvos das mídias”.

Zanchetta (2005, p. 1500-1501) também considera como um problema a falta de orientações oficiais do governo, o “conjunto de propostas oficiais para a atuação dos professores, tendo como expoentes os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)”. Nada mais é do que uma referência obrigatória que todos os cursos têm.

Opinião compartilhada por Fantin (2012) quando cita Moreira (1998). A pesquisadora afirma que as ações mídia-educadoras são fundamentais para educação e urgentes. “No

entanto, como ela ainda está ausente em muitas propostas e programas educativos, é tarefa do currículo abordar a questão da mídia-educação adequadamente, diz Moreira” (FANTIN, 2012, p. 443).

Barbero (2000) também defende as iniciativas nas escolas. “Precisamos de uma educação que não deixe os cidadãos inermes diante dos poderosos estratégias de que, hoje, dispõem os meios de comunicação para camuflar seus interesses fazê-los passar por opinião pública”. Em sua obra, o autor é bem incisivo a defender que a educação tem um grande papel na vida cotidiana da população. Barbero entrega à mídia-educação a responsabilidade de dar ferramentas ao público:

Isso significa que o cidadão deveria poder distinguir entre um telejornal independente e confiável e um outro que seja mero porta-voz de um partido ou de um grupo econômico, entre uma telenovela que esteja ligada ao seu país, inovando na linguagem e nos temas e uma telenovela repetitiva e simplória. Para tanto, necessitamos de uma escola na qual aprender a ler signifique aprender a distinguir, a tornar evidente, a ponderar e escolher onde e como se fortalecem os preconceitos ou se renovam as concepções que temos sobre política, família, cultura e sexualidade (BARBERO, 2000, p.58).

De acordo com a leitura dos diversos autores, podem ser listadas três ações que ainda não são realidades para uma educação com a mídia eficaz: Capacitação adequada aos mídia-educadores; iniciativa pública e incentivo do governo para criação de um currículo sobre o novo campo; e uma estrutura física de equipamentos de TIC nas escolas. Além disso, o interesse dos próprios estudantes deve ser essencial.

Sobre esses problemas, Fantin (2012, p. 445) afirma que “quando não estão ausentes do debate, as propostas de formação de professores a esse respeito têm se revelado ineficazes diante do desafio já mencionado”.

Já Barbero (2000) faz sérias críticas ao Ministério de Educação Colombiano e à abordagem dos estudos em educação e mídia. Ele aponta também que a comunicação deve se planejar melhor para atender a população. “Sou dos que pensam que nada pode prejudicar mais a educação que nela introduzir modernizações tecnológicas sem antes mudar o modelo de comunicação que está por debaixo do sistema escolar” (BARBERO, 2000, p. 52).

Sendo assim, Barbero (2000, p. 53) conclui que a informação é indispensável à população, assim como a moradia, saúde, etc. “O ponto de partida para se pensar as relações da educação e a comunicação está aqui: na centralidade que o conhecimento e a

informação têm ainda em países como, nos quais existem outras necessidades estruturais que consideramos básicas”.

1.2 Educomunicação

A partir da década de 1990, os estudos de mídia-educação foram aprofundados no Brasil. Alguns jornais iniciaram projetos em escolas para produzir jornais estudantis. Assim, essa área foi tomando força, mas com o nome de educomunicação.

Zanchetta (2005) traz uma explicação de educomunicação como uma ação mais intensiva dos MCM nas escolas, familiarizando professores e alunos com as rotinas produtivas do jornalismo. “Trata-se de uma das principais propostas em debate nos últimos anos para potencializar o estudo dos MC dentro da escola” (ZANCHETTA, 2005, p. 1051). Ele também alerta que há problemas em aplicar a educomunicação nas escolas “por não ter sido construída no interior da escola, mas trazida por especialistas da área de Comunicação, sobretudo a partir da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP)”.

O pesquisador Alexandre Sayad (2013), que implantou um projeto de educomunicação em escolas usando as mídias, reforça a importância dessa união entre escola e as mídias. “Uma boa formação é necessária para que o cidadão não se deixe manipular, para que leia várias fontes de informação, procurando identificar as motivações políticas e econômicas que sustentam as empresas de comunicações” (2013, p.104).

Cristiane Parente (2012), jornalista e pesquisadora, alerta sobre as mudanças constantes na sala de aula. “A escola também muda, evolui e, aos poucos, começa a integrar diversas mídias em seus trabalhos e projetos pedagógicos, como rádio, jornais, vídeos, blogs, etc, preparando seus estudantes para um mundo mediatizado” (PARENTE, 2012, p. 18).

A pesquisadora Ayne Salviano também expõe a importância de trabalhar com as mídias em sala de aula, especialmente nos dias de hoje que é possível realizar uma via de mão dupla. Dessa forma, os jovens que estão recebendo a educação para mídia têm a capacidade de responder melhor aos meios de comunicação em massa. “O público passa a ser autor da sua história e deseja participar de uma sociedade melhor a partir da educação e da comunicação espalhada em rede e, de preferência, com muita interatividade” (SALVIANO, 2013, p. 123).

Soares (2000) ratifica a importância de integrar a educação e comunicação, para que o objetivo proposto seja alcançado. “Não se trata, pois, de educar usando o instrumento da comunicação, mas que a própria comunicação se converta no eixo vertebrador dos processos educativos: educar pela comunicação e não para a comunicação” (SOARES, 2000, p. 20). O autor, que usa o termo educomunicação, a define:

Um conjunto de ações voltadas a criar e desenvolver ambiências favorecedoras do diálogo social, mediante um conjunto de ações em vários subcampos: a educação para a comunicação; a mediação tecnológica, a expressão comunicativa, a pedagogia da comunicação e a gestão de processos comunicativos (SOARES, 2011, p.12).

A pesquisadora francesa, Jacquinet, elenca uma série de características para o educador, isto é, o profissional que trabalha com a educomunicação. Esse profissional aceita o novo referencial, já que para se trabalhar com as mídias em sala de aula deve estar sempre se renovando. “Sabe que a introdução dos meios como objeto de estudo não tem por fim formar um jornalista, mas sim ensinar seus alunos a analisar diversos pontos de vista, seja as montagens do discurso e da cena que constroem as mensagens” (JACQUINOT, apud PARENTE, 2004, p. 261).

2. Educomunicação fora do papel: a produção do jornal escolar *Gazeta Kubitscheck*

Para o estudo de mídia-educação, foi selecionado o projeto de jornal estudantil do Colégio JK, em Brasília. Criado por iniciativas de professores, a ideia foi abraçada pelos alunos do primeiro ano do ensino médio que estão participando sem receber nota, totalmente voluntariado. Os estudantes, desde a primeira reunião, se mostraram solícitos e criaram toda a estrutura do jornal que será apresentada. Eles também escolheram o nome do jornal, “Gazeta Kubitscheck”, relacionando com a identidade dos alunos, da escola e da própria cidade, Brasília, que foi criada pelo ex-presidente Juscelino.

2.1 Seleção da escola

As condições para seleção da escola foram simples: projetos realizados no Distrito Federal, onde os alunos produzissem as reportagens e a escola autorizasse a observação do projeto. O empecilho maior seria localizar um projeto como esse, já que a literatura sobre o tema alerta que os jornais escolares não são incentivados. Em 2012, o Programa Jornal

Educação, da Agência Nacional de Jornais, tinha cadastrado cerca de 60 projetos em todo Brasil.

A única condição de eliminação na escolha foi pela distância. Não foi considerado interessante procurar um projeto fora do Distrito Federal. Até mesmo porque foram localizados alguns projetos em Brasília. As outras condições para seleção da escola eram mais simples, apenas que os alunos produzissem as reportagens e que fosse autorizado pela escola para realizar a observação em todas as etapas.

O Colégio JK aceitou a partição da pesquisa e apresentou um projeto em potencial. Inicialmente, a coordenação da escola informou que o projeto acontecia há alguns anos com os alunos do Ensino Fundamental para produção de uma revista semestral. Só na primeira visita que foi revelado que o projeto não funcionava mais.

O professor Lucas Solano relatou que “o Colégio JK teve um projeto de revistas produzidas pelos alunos no ano de 2015 com três edições. Era um projeto para o Ensino Fundamental de aprimoramento linguístico que é alterado todo ano”. Apenas no ano passado, o objetivo foi produzir revistas. Esse ano já era outro produto fora da área de jornalismo.

Como não havia nada para as turmas do Ensino Médio, os professores Helena Duarte e o Lucas Solano resolveram criar o jornal, já que as revistas foram bem sucedidas. O projeto começou a ser pensado em fevereiro. Para a pesquisa, não foi tido como problema o jornal estudantil estar sendo implantando neste ano. Pelo contrário, por estar começando, poderia ser analisado, amplamente, as escolhas básicas dos alunos, desde o nome do jornal, que exprime a identidade do programa, e também a produção das primeiras notícias.

Para conseguir a autorização, foi feito contato com a coordenação pedagógica do Colégio JK, unidade Asa Norte. Informações básicas foram recolhidas para decidir, entre aluno e orientadora, se era um projeto adequado para o estudo.

2.2 Início do jornal estudantil

O projeto teve sua primeira reunião geral no dia 31 de março, sendo iniciativa e coordenação dos professores da área de Língua Portuguesa. A professora Helena Duarte trabalha com monitoria e reforço dos alunos. Para aplicar outro projeto em seu tempo livre na escola, a professora decidiu iniciar o jornal. Como ajuda e co-coordenação, ela convidou o professor Lucas Solano. Também da disciplina de Português, ele já tinha contato há mais tempo com os alunos e facilitou os processos iniciais. No livro de Faria e Zanchetta (2002,

p. 141), os autores afirmam que “considera-se, em geral, que cabe ao professor de português a tarefa de organizar o jornal. Entretanto, a variedade de assuntos o transforma num instrumento de todos os professores”.

A primeira visita ao projeto ocorreu no mesmo no dia 31 de março de 2016. Os professores convidaram, para dar uma palestra, um jornalista do *Correio Braziliense*, Igor Silveira, editor do caderno de cultura. Ele explicou sobre a rotina produtiva, reunião de pauta, apuração, parte gráfica, o que fazer com o material recolhido, cumprir prazos, manchetes e outros assuntos pertinentes.

Como último assunto, o jornalista escolheu falar sobre redes sociais, mostrando o uso jornalístico dessas mídias, contando casos que aconteceram com ele. O jornalista mesmo falou que não ia perder tempo explicando como funcionava porque os jovens já sabiam muito bem.

Basicamente, essa foi a formação que os alunos receberam para iniciar o jornal. Os dois professores também não possuem experiência com o trabalho jornalístico, nem receberam formação específica. O conhecimento deles é de leitura e observação, apesar de que buscam informações para melhorar o jornal. Essa falta de capacitação é uma preocupação das pesquisadoras Bévert e Belloni (2009).

2.3 Estrutura

Cerca de 30 alunos foram convidados para participar do jornal estudantil. A ideia para o futuro é que seja feita uma seleção com edital e prova. Mas, por se tratar de um projeto experimental, os professores Lucas e Helena optaram por fazer a escolha dos estudantes de uma forma arbitrária, até para obter mais resultados do projeto. Os critérios foram notas, responsabilidade, pró-atividade e habilidades em comunicação. Quase todos eles já tinham participado da revista no ano anterior e já possuem familiaridade com produção de reportagens.

Ainda na primeira reunião, a professora Helena colocou os estudantes para decidirem o futuro do jornal: hierarquia, cadernos, periodicidade, tarefas e outros detalhes. Eles dividiram o jornal em seis editoriais principais: Sociedade; Vestibular; Cultura; Esporte; Caderno JK; e Diversão. Além desses, o caderno de classificados, avisos, crônicas e entrevista foram acrescentados à lista. Faria e Zancheta (2002, p. 141) demonstram que o jornal “será um veículo para destacar problemas e realizações e, finalmente, reforçar a identidade escolar”.

Os alunos decidiram discutir em Sociedade sobre atualidades do mundo e do país, mas também de temas que acontecem no caminho da escola, ou até mesmo alguma demanda social mais próxima deles. A editoria Vestibular se mostrou necessário por se tratar de um jornal estudantil. A ideia é que os alunos possam escrever sobre temas recorrentes nos vestibulares, mas com um olhar diferente. Já Cultura foi a editoria mais disputada e querida entre os alunos. Nela, serão abordadas as atividades culturais realizadas na escola e também pela cidade. O caderno de Esporte, a princípio, foi colocado como rotativo, já que os alunos consideram que não teria notícias suficientes. Mas depois de conversar e se lembrarem de mais assuntos, voltaram atrás e colocaram como caderno fixo. Esse é um caderno específico para atividades escolares. O Caderno JK foi pensado para atribuir reportagens acerca de problemas e iniciativas que acontecem no colégio. Foi uma editoria de iniciativa dos estudantes para ser uma espécie de *feedback* para escola. Por último, para Diversão foi pensado tirinhas, de produção dos alunos, palavras cruzadas e outras.

Essa divisão é pensada por Faria e Zanchetta (2002), como ações que devem ser pensadas no início da atividade do jornal, assim como está acontecendo com o projeto do colégio JK. Os autores destacam que é preciso ter variedade de tema, seções fixas, publicidade do jornal e conhecer quem será o leitor. Todos esses tópicos foram discutidos pelos alunos.

A montagem da hierarquia do projeto foi pensada pelos estudantes. O jornalista que palestrou explicou sobre a estrutura comum de um jornal. Pensando num formato similar, eles decidiram por ter a figura do editor-chefe, a cargo dos dois professores. Eles ficaram responsáveis por ler todo material recolhido e assegurar o cumprimento dos prazos.

Entre as editoriais escolhidas e listadas acima, foi designado um estudante-editor para cada uma delas. Eles ficaram responsáveis por conduzir as reuniões de pauta, garantir o prazo de entrega, aprovar as reportagens feitas pelos alunos e passar o material para os editores-chefes. Ficaram cerca de quatro alunos-redatores e um estudante-editor para cada editoria. Eles foram escolhidos, novamente, pelos editores-chefes, de acordo com as características de cada um, para garantir que a proposta do jornal estudantil seja cumprida.

Essa divisão também foi pensada para atender os gostos e interesses dos alunos, já que o jornal é produzido pelos alunos para os alunos. Os professores acharam justo que eles fossem divididos entre suas próprias facilidades, até mesmo para um melhor aproveitamento. Faria e Zanchetta (2002, p. 142) vão dizer que o jornal “propicia a

liberação da palavra do aluno, a descoberta da própria identidade, valorizando sua autonomia. Capacita-o a intervir na realidade, ao aprender a ler criticamente o jornal, pois, para produzi-lo, é preciso aprender a diferença entre opinião e notícia”.

Outra coisa que ficou decidida é que serão aceitos textos de alunos que não pertencem à equipe fixa do jornal. Como ficaram estudantes de fora do projeto, por opção dos professores, já que uma equipe muito grande ia dificultar mais ainda a produção, eles farão colunas dentro das edições para esses alunos, como uma espécie de *freelancer*.

Os estudantes também se dividiram entre os responsáveis pelas partes de diagramação, fotografia e publicação nas redes sociais, de acordo com o conhecimento e disponibilidade de cada um. Alguns alunos foram convidados justamente pela aptidão na parte fotográfica. Sem precisar dos professores indicar, esses alunos se ofereceram para cuidar da parte de fotojornalismo. O que os professores não sabiam é que teria um estudante com conhecimento para diagramação. Quando chegou na parte gráfica e *layout* do jornal, o aluno se ofereceu para ajudar. Por último, um aluno se propôs a cuidar das redes sociais, mas no início as postagens ficarão inativas até depois da primeira edição do jornal.

A periodicidade do jornal ficou em uma edição a cada mês. Nesse primeiro semestre, serão produzidas três edições e mais postagens nas redes sociais. Os professores incentivaram dar um tema principal para o jornal, como manchete e ser explorado nos cadernos, sempre pensando a frente. Como a primeira edição será lançada em maio, eles escolheram o tema “gênero feminino”, até por estarem discutindo alguns livros com esse tema para preparação do PAS. A escolha do tema tem por objetivo conciliar o que está sendo estudado, com as datas simbólicas e acontecimentos importantes.

A professora Helena criou um cronograma para cumprir prazos de produção, pensando nas atividades curriculares dos estudantes. Ficou fixado que a primeira semana do mês será para os grupos de cada editoria se juntarem para reuniões de pauta e definir o que entrará para o jornal. A segunda para produção das matérias. A terceira semana ficou para a primeira revisão com os editores. Na quarta semana, a última revisão com editores-chefes e repasse do material para os diagramadores.

Toda essa estrutura foi decidida em um grande *brainstorm* com os alunos, de uma forma bem colaborativa, cada um foi dando sua opinião e discutida por todos. Algumas sugestões foram eliminadas ou adaptadas para o melhor funcionamento do jornal estudantil, como criar um representante por tudo para trabalhar com os editores-chefes.

Vale ressaltar que o projeto do jornal estudantil não rende nota aos alunos participantes. É uma atividade totalmente extracurricular que conta com o voluntariado dos alunos. Por isso, não foi designado um horário específico para o encontro geral da equipe, apesar de ser fácil o acesso a um local e computadores para produção. Essa falta de um horário específico pode se tornar um problema, já que cada grupo dos cadernos vai ter que se reunir em horários diferentes, de acordo com a disponibilidade. Também, é visível o interesse deles pelo jornal, sempre com perguntas, opiniões e sugestões para acrescentar ao trabalho.

Um fato que chamou atenção é que os estudantes estão se programando ao máximo pelas ferramentas *online*, seja por aplicativos ou celular. Os alunos envolvidos no projeto são divididos entre quatro turmas do primeiro ano do Ensino Médio, o que os separa pela grade horária. Apesar de que muitos se verem no colégio, ainda assim, a comunicação através do celular ou computador está sendo muito usada.

A professora Helena relatou que as pautas foram realizadas dentro do prazo, mas houve muita cobrança. “Depois da primeira reunião, eles saíram com a missão de definir pautas, sempre comigo para apoiar. Mas ninguém se pronunciou e não houve possibilidade de uma reunião geral”. Helena, então, decidiu conversar individualmente com cada aluno editor. “Alguns já tinham definido pautas, mas estavam com vergonha ou medo de ser alguma ideia ruim”. Para solucionar o problema, ela criou um grupo no aplicativo *whatsapp*.

A falta de uma grade horária específica e uma formação dos professores é um problema para continuidade do projeto. Mas o principal desafio apresentado nas duas semanas de análise do projeto foi os alunos se acostumarem com a prática de pensar jornalisticamente. Mas o interesse de todos é bem nítido, que pode fazer vencer as barreiras mais facilmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de ser um campo estudado desde meados do século passado na Europa e ser de interesse no Brasil a partir da década de 1990, a mídia-educação ainda não teve sua importância percebida pelas autoridades responsáveis, mas também pelos próprios profissionais das duas áreas: Comunicação e Educação.

Não é possível dizer que é um tema pouco estudado, devido a todas as obras de diversos pesquisadores apresentados aqui. Mas o que acontece é a falta de visibilidade que esse campo recebe. Fato é que a mídia-educação contribui de diversas formas para um público mais crítico perante diversas formas de comunicação, ainda mais agora no mundo tecnológico. E também é de conhecimento geral que o Brasil não tem por costume incentivar projetos que vá melhorar a educação e capacidade de pensar. Talvez seja uma das maiores barreiras para se implantar a mídia-educação no país.

Após analisar obras dos autores reunidos no artigo, é visível que existem termos diferentes sendo usados para se referir à mídia-educação, mas que todos tratam do envolvimento da comunicação como ferramenta de aprendizado e capacitação para os estudantes, sejam do ensino fundamental e médio. O que é consenso dos autores é que todos, mesmo adultos, deveriam passar por um processo mídia-educacional para se informarem melhor.

Internacionalmente, o termo mídia-educação foi citado, inclusive, em documentos da Unesco. Porém, ao ser estudado no Brasil, o termo educomunicação foi muito usado e disseminado, principalmente pela Universidade de São Paulo-USP, em maioria, por pesquisadores da área de comunicação.

É um termo que não foge do que é tratado em outros países, pelo contrário, contempla todas as atividades aplicadas aqui no país. Por ser muito usado por jornalistas e outros especialistas da área, educomunicação foi o termo escolhido pelo pesquisador já que se trata de uma graduação de jornalismo.

Ao analisar o projeto de jornal estudantil, mesmo estando no início, foi possível ver aquilo que muitos pesquisadores citam em suas obras: a criação de um olhar crítico perante as mídias. Mas também uma preocupação foi levantada. Os professores coordenadores do projeto não tinham formação nenhuma em jornalismo. É digno de nota o fato de o jornalismo ser praticado por pessoas sem capacitação específica. Cabe ressaltar que não só os educadores devem buscar aderir à comunicação, mas os comunicadores devem buscar se inserir na educação.

REFERÊNCIAS

BARBERO, J. M. Desafios culturais: da comunicação à educomunicação. **Revista Educação & Comunicação**. São Paulo: USP, v. 18, 2000. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view/4108/3860>. Acesso em: 30 mar. 2016.

BÉVORT, E.; BELLONI, M. L. **Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas**. Educ. Soc. [online]. 2009, vol.30, n.109, pp.1081-1102. ISSN 0101-7330. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v30n109/v30n109a08.pdf>>. Acesso em 29 abr. 2015.

DUARTE, J. Entrevista em Profundidade. In DUARTE, J.; BARROS, A. **Métodos e técnicas de pesquisas em comunicação**. SP: Atlas, 2005. p. 62-83.

FANTIN, M. **Mídia-Educação no ensino e o currículo como prática cultural**. 2012. Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2012. Disponível em: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol12iss2articles/fantin.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2016. p. 437-452.

FARIA, M. A.; ZANCHETTA J. J. **Para ler e fazer o jornal na sala de aula**. São Paulo. Contexto. 2002.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. Ed. 5. São Paulo. Atlas. 2010

GOMES, P.G. **Tópicos de Teoria da Comunicação**. Rio Grande do Sul. Unisinos. Ed. 2. 2004.

GONNET, J. **Educação e mídias**. Traduzido por Maria Luiza Belloni. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

PARENTE, C. S. B. **Comunidade, escola, jornal escolar: um estudo de caso**. Brasília. Universidade de Brasília. 2012. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/12413>. Acesso em: 10 mar. 2016.

SALVIANO, A. R. G. *O civic journalism* como ferramenta para a educomunicação: um exercício de cidadania e responsabilidade social. In PAVANI, C. et al (Org.). **Educomunicação, redes sociais e interatividade**. Campinas, SP: Edições Leitura Críticas, 2013. p. 105-116.

SAYAD, A. L. V. Idade Mídia: a comunicação reinventada na escola. In PAVANI, C. et al (Org.). **Educomunicação, redes sociais e interatividade**. Campinas, SP: Edições Leitura Críticas, 2013. p. 95-104.

SOARES, I. O. **Educomunicação: um campo de mediações**. São Paulo. Universidade de São Paulo. 2000. Disponível em: <http://200.144.189.42/ojs/index.php/comeduc/article/viewArticle/4147>. Acesso em: 08 mar. 2016.

STUMPF, I. R. C. Pesquisa bibliográfica. In DUARTE, J.; BARROS, A. **Métodos e técnicas de pesquisas em comunicação**. SP: Atlas, 2005. p. 51-61.

TRAVANCAS, I. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In DUARTE, J.; BARROS, A. **Métodos e técnicas de pesquisas em comunicação**. SP: Atlas, 2005. p. 98-109.

ZANCHETTA, J. J. **Desafios para a abordagem da imprensa na escola**. Campinas: Unesp. 2005.
Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302005000400021&script=sci_arttext>. Acesso em: 17 mar. 2016.